



# Ministério

*Adventista*



# Pescando com o Coração



Um famoso poeta suíço disse: "Quem quiser ser pescador de homens, deve primeiro pôr seu próprio coração no anzol." Outro escritor disse: "Deus não procura grandes homens para alcançar grandes resultados." Deus está buscando justamente a ti e a mim. Ele só deseja que sejamos consagrados a esta grande causa de levar 56.000 almas a Cristo pelo batismo, neste ano de 1970!

Porás o teu coração no anzol? Pode o Senhor contar contigo com pelo menos uma alma em 1970?

**M. S. NIGRI**  
Secretário da Divisão Sul-Americana



## EDITORIAL

# Êle... Êle... Êle

Sempre que falamos na estrutura homilética de um sermão, pensamos imediatamente nos méritos e deméritos dos diferentes métodos de pregação. Para cada um deles — o sermão temático, expositivo ou textual — existem ardorosos advogados que com argumentos convincentes defendem a superioridade do sistema de sua eleição.

Entretanto, o principal problema no púlpito não é o sistema, mas a mensagem; não é a forma, mas a substância.

Paulo, o evangelista das nações, sintetizou o conteúdo de sua mensagem ao declarar: "Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado." I Cor. 2:2.

Com efeito, Cristo deve ser a absorvente paixão do pregador, uma vez que todo o orador deve amar exorbitadamente o objeto de sua eloquência, condição fundamental para o êxito. Ora o objeto da eloquência sagrada é Cristo. Êle condensa em sua pessoa, e resume em seus ensinamentos, as grandes e sublimes verdades do evangelho.

Por isso afirmamos que todos os métodos homiléticos são eficazes, quando o pregador exalta o Cordeiro de Deus, prefigurado, profetizado e anunciado no Antigo Testamento, e proclama a suficiência do sangue do Nôvo Testamento, na obra da redenção.

Satanás em seu calculado esforço por debilitar o poder do púlpito e neutralizar a eficácia da pregação, suscitou no seio da igreja algumas heresias que desfiguraram a personalidade de Cristo e mutilaram a Sua obra.

Nos primeiros séculos de nossa era, a Igreja cristã em rápidos e vitoriosos movimentos levou "a bandeira ensanguentada do Príncipe Emanuel" ao norte da África e, como consequência, centenas de igrejas foram estabelecidas, tendo como fundamento o evangelho da cruz. Porém, a heresia ariana que pretendia reduzir a Cristo a uma semidivindade, mera ponta de união entre o criado e o Incrariado, debilitou de tal forma o ministério da Palavra, que o cristianismo quase se extinguiu na parte setentrional daquele grande continente. Restaram ape-

nas alguns vestígios das grandes conquistas alcançadas por uma admirável estirpe de audazes mensageiros da cruz.

Através da Idade Moderna, especialmente durante os séculos XVIII e XIX, a Igreja sofreu outra vez a ação ruínosa de inimigos novos, simulados na forma de ciências naturais e filosóficas, que negaram o sobrenatural e despojaram a Cristo de Sua deidade. O púlpito se debilitou outra vez e as igrejas se transformaram em instituições tradicionais, carentes de vigor missionário.

Foi precisamente neste tempo de apatia e tibieza religiosa que Deus suscitou na Europa e América pregadores como Roberto Hall, D. L. Moody, C. H. Spurgeon, Carlos Finney e outros extraordinários arautos da fé. Proclamando a Cristo e Sua justiça, êles revitalizaram a Igreja, e renovaram o entusiasmo pela obra do evangelismo.

Mas, o reavivamento do século passado teve curta duração. O racionalismo especulativo levou uma geração de ministros a questionar mais uma vez a deidade do Filho de Deus. Hoje, muitos pregadores apresentam às suas congregações um Cristo moralista, revolucionário, filósofo que consagrou Sua vida a defender a causa dos oprimidos. Um Cristo descrucificado, já se vê. Um Cristo sem a coroa de espinhos e sem o manto das humilhações. Um Cristo desfigurado e mutilado para não repugnar a mentalidade racionalista dêste século.

Que podemos dizer da pregação adventista? Durante as quatro primeiras décadas de nossa história denominacional, os ministros adventistas inconscientemente relegaram a um segundo plano a proclamação de Cristo e Sua justiça. Temas como a doutrina do sábado, a perpetuidade da lei, as profecias de Daniel e Apocalipse, a imortalidade condicional e outros, receberam em nossos púlpitos um tratamento preferencial, enquanto que a preeminência de Cristo era imperceptivelmente ignorada.

Por isso, dirigindo-se aos ministros reunidos no histórico congresso celebrado em Minneapolis, Minnesota, em 1888, disse a Sra. White:

(Continua na pág. 24)

# Estudo Sobre os Livros Apócrifos

VÍTOR AMPUERO MATTA

Parte I

As versões da Bíblia que as sociedades bíblicas editam têm 66 livros. Faz, porém, algumas décadas, costumava-se publicar em inglês uma seção especial intitulada "Apocripha," isto é, "Livros Apócrifos." Por outro lado, tôdas as versões que levam a aprovação eclesiástica católica constam de 73 livros.

Os sete livros a mais são Tobias, Judite, Sabedoria (ou Sabedoria de Salomão), Eclesiástico, Baruque e I e II Macabeus. Há além disto algumas porções acrescentadas ao livro de Daniel (os capítulos 13 e 14), e 67 versículos acrescentados ao capítulo 3; e no livro de Ester há 10 versículos acrescentados ao capítulo 10 e mais os capítulos 11 a 16.

## Explicação de Têrmos

A palavra "apócrifo" é um adjetivo que etimologicamente significa "oculto," "secreto." Laudelino Freire define a palavra como "suposto, duvidoso, fingido." É, pois, alguma coisa falsa, sem autenticidade, e é nesse sentido que o entendem os protestantes quando chamam "apócrifos" aos livros que consideram não inspirados.

A palavra "deuterocanônico" etimologicamente quer dizer foi considerado inspirado posteriormente. A Enciclopédia *Espasa* define assim o termo: "Nome que se dá aos livros, ou partes dos livros da Sagrada Escritura, que desde sua origem não foram considerados por todos como inspirados, e que são hoje recusados por judeus e protestantes no Cânon das Sagradas Escrituras. A igreja católica, porém, apoiando-se numa sólida tradição que deriva dos apóstolos e primeiros cristãos, considera-os como verdadeiros e como autêntica palavra de Deus, e foram declarados como inspirados pelo Concílio de Trento e do Vaticano (I). — Tomo 18, pág. 721.

## Análise de Argumentos

Os argumentos dos que defendem a inclusão desses livros e fragmentos acrescentados podem resumir-se em três grandes afirmações:

1. Esses livros foram citados pelos pais da igreja.

Quando se tem acesso a uma grande coleção como as que existem em inglês, e possivelmente em alemão, dos escritos dos autores cristãos dos

primeiros séculos, — e essa obra está trabalhada de tal modo que mediante um índice de temas é possível orientar-se rapidamente nela — em pouco tempo se pode comprovar que efetivamente os primeiros escritores cristãos fizeram citações desses livros que hoje chamamos apócrifos. Mas também é evidente que os citaram muito menos do que aos que consideramos como canônicos. Demais disto, vê-se também que citaram outros livros, como o Terceiro Livro de Esdras, e o Quarto Livro de Esdras, a epístola de Jeremias e a Oração de Manassés. Portanto, se temos de aceitar o argumento, temos de reconhecer que também estes livros são inspirados.

Em nossos dias, a fim de orientar-nos quanto ao período histórico que separa o Antigo Testamento do Nôvo Testamento, podemos citar os livros de Macabeus como documento da época, mas isto não significa que reconheçamos sejam êles inspirados. Também Paulo citou um poeta grego (Atos 17:28), possivelmente Epemênides de Creta, do século VI A. C., e nesse mesmo versículo cita a Arato da Cilícia (século III A. C.). Não quer isso dizer que o apóstolo coloca êsses autores pagãos como escritores inspirados.

2. Êstes livros se encontram em versões antigas.

É exato que algumas versões antigas contêm êstes livros, sendo a mais importante delas a Septuaginta, ou Verso dos Setenta, que também se identifica com os algarismos romanos (LXX).

Esta antiga versão feita do hebraico e do aramaico para o grego, começou a ser feita lá pelo ano 285 A. C., no Egito, por ordem de Ptolomeu Filadelfo. Sem dúvida o argumento vai longe demais, pois nesta versão encontram-se também o Terceiro Livro de Esdras e a Oração de Manassés, que não são tidos como inspirados nem pelos católicos e nem pelos protestantes.

Em outras versões antigas figuram o Quarto Livro de Manassés e o Terceiro Livro de Macabeus, não aceitos pelos cristãos. Êstes fatos tiram a força ao argumento.

3. Os livros que os protestantes chamam de apócrifos já foram reconhecidos como inspirados, ou canônicos, nos concílios de Cartago e de Florença, respectivamente em 397 A. D. e 1439 A. D.

A data 397 já nos diz que o cristianismo estava então bem dentro da era de Constantino (o imperador pagão-cristão faleceu em 337). Vale dizer que a apostasia havia feito sentir os seus efeitos pronunciadamente. Além disto, o Concílio de Cartago foi um mero sínodo local, sem valor ecumênico. O Concílio de Florença está muito afastado dos dias apostólicos para que demos importância a uma decisão tomada então quanto a um assunto de importância como o da validade canônica de vários livros que os judeus não incluíram no Cânon do Velho Testamento.

### Breve Apresentação da Réplica dos Protestantes

1. O antigo Israel nunca considerou os apócrifos como livros inspirados.

Há duas razões bíblicas que dão melhor valor a este argumento. Paulo pergunta e êle mesmo responde: "Qual é logo a vantagem do judeu? Ou qual a utilidade da circuncisão? Muita, em tôda a maneira, porque, primeiramente, as palavras de Deus lhe foram confiadas." Rom. 3:1 e 2.

Em segundo lugar é de recordar-se que o Mestre condenou várias práticas dos judeus de Seus dias, e lançou tremendo "ais" contra os escribas e fariseus. Contudo, nada lhes teve a condenar quanto a haverem introduzido nas Escrituras algo espúrio, e também nada disse quanto a haverem deixado de incluir entre os seus livros sagrados os sete apócrifos que temos mencionado.

2. No Nôvo Testamento nunca são citados os apócrifos.

Aqui há algo a esclarecer. Além de não haver uma só citação por nome, há mais de 230 citações dos outros livros, como por exemplo, S. Mateus 1:23, citação de Isaías 7:14; S. Mateus 2:6, citação de Miquéias 5:2; S. Mateus 4:15, citação de Isaías 8:1 e 2 etc.

Embora algumas vêzes haja passagens do Nôvo Testamento com uma figura de linguagem ou idéia semelhante a algum livro apócrifo, nunca é exatamente igual e nunca há qualquer referência a êles. Por exemplo, Paulo descreve a armadura do cristão em Efésios 6:13-17. Pois bem, em Sabedoria há uma passagem que diz assim: "Portanto receberá da mão do Senhor um reino de honra, e um diadema brilhante; porque os protegerá com a Sua destra, e com o Seu santo braço os defenderá. O Seu zêlo se vestirá duma armadura, e armará (também) as Suas criaturas para Se vingar dos Seus inimigos. Tomará por couraça a justiça, e por capacete o Seu juízo infalível. Embarçará a eqüidade como escudo impenetrável; afiará a Sua ira inflexível, como uma lança; e todo o universo combaterá

com Êle contra os insensatos." Sabedoria 5: 17-21, Versão Matos Soares.

A figura é similar, mas é inteiramente injusto supor que essa similitude indique estar o apóstolo apoiando um livro apócrifo como inspirada Palavra de Deus.

Há também no Nôvo Testamento algumas aparentes citações impossíveis de serem indicadas com exatidão. Por exemplo, Efésios 5:14 não se encontra exatamente assim no Velho Testamento, embora a linguagem seja uma possível alusão a Isaías 26:19 e 6:1.

3. Os livros apócrifos não aparecem nas listas dos Pais da Igreja até fins do século IV.

Estas listas são as de Melitão de Sardes (século II); Orígenes (século III); Atanásio, Cirilo, Hilário de Poitiers, Concílio de Laodicéia, Epifânio, Gregório Nazianzeno, Anfilóquio, Rufino, e Jerônimo (século IV).

É digno de nota que todos êsses escritores cristãos (e mais o Concílio de Laodicéia), ao se ocuparem do Cânon Sagrado, não incluísem os livros hoje não reconhecidos pelos protestantes, incluindo ao contrário, em suas listas, os livros que os não católicos aceitam como Palavra de Deus.

4. Nos apócrifos e nas adições a Ester e Daniel há passagens estranhas ao pensamento bíblico em geral, bem como algumas inexactidões.

Por exemplo, Em Tobias 5:11-13 aparece um chamado anjo Rafael que diz uma mentira (ou que pelo menos parece sê-lo) a Tobias. Em Tobias 6:5-17, o mesmo Rafael dá algumas instruções a Tobias, e entre essas lemos: "Se tu puseres um pedaço do seu coração sôbre brasas acesas, o seu fumo afugenta tôda casta de demônio, tanto do homem como da mulher, de sorte que não tornam mais a chegar a êles. E o fel é bom para untar os olhos que têm algumas névoas, e sararão." É visível a tendência supersticiosa dessas supostamente inspiradas afirmações.

Quanto às inexactidões históricas e declarações raras, pela necessidade de não ocupar muito espaço, só daremos algumas referências das passagens com breves comentários. (1)

5. Não possuem os apócrifos nenhuma declaração pela qual digam que são inspirados. Nem uma só vez há um "Assim diz o Senhor," ou qualquer outra expressão semelhante. Nem uma só vez referem que tenha havido uma revelação divina a seus autores.

Ao contrário, vejamos a maneira como termina um dos livros apócrifos. "Passadas pois estas coisas acêra de Nicanor, e ficando os hebreus desde aquêle tempo de posse da cidade, eu, eu também porei aqui fim à minha narração. Se ela está bem, e como convém à história, isto é também o que eu desejo; mas se, pelo contrário, é menos digna, deve-se-me perdoar. Por-

que assim como beber sempre vinho, ou sempre água é coisa prejudicial, ao passo que é agradável fazer uso alternativo dessas bebidas, assim também, se o estilo fôsse sempre uniforme, não agradaria. E com isto termino." II Macabeus 15:38-40. (Versão Matos Soares)

É evidente que se trata de um relato comum. Pode ter sido escrito com a correta intensão de dizer a verdade quanto aos acontecimentos que narra, mas não pretende ser revelação divina. Ao contrário, reconhece suas possíveis imperfeições, quando diz: "Se está como convém à história..." e até pede ao leitor que lhe releve essas possíveis faltas. Há um abismo de diferença entre essa pena e a pena que traz a inspiração do Altíssimo.

6. Não existe nenhum exemplar dos apócrifos escrito em hebraico. Há somente cópias escritas em grego. Mons. Straubinger diz que S. Jerônimo viu um exemplar hebraico de I Macabeus, mas não há nenhuma cópia do mesmo.

Conquanto seja certo que o Espírito de Deus pode prover ao homem a capacidade de escrever em qualquer idioma, não é menos certo que a revelação divina se valeu do hebraico e do povo escolhido, na época em que começou a manifestação de Sua pessoa desde Moisés.

Por outro lado, o grego e o idioma dos governantes selêucidas, (século IV a século I AC) que se esforçaram por impor sua cultura aos israelitas, empregando para, conseguiu tanto a persuasão como a violência. Devido a isto, muitos judeus apostataram ou, pelo menos, afastaram-se da religião de seus antepassados. Foi devastadora para a pureza dos costumes e crenças dos israelitas a chamada influência grega.

O só fato de estarem os apócrifos em grego já lança sobre eles uma sombra de suspeita de que seus autores, sendo judeus, estivessem contaminados de helenismo tanto nos costumes como no idioma, em detrimento da religião de Jeová.

Reconheçamos, contudo, que este argumento, tomado isoladamente, não tem muito valor. Há algo de mais pêso no conjunto, por outro lado.

### **Por que Estão Incluídos os Apócrifos nas Biblias que Levam a aprovação Eclesiástica?**

A aprovação oficial dos referidos livros ocorreu na quarta sessão do Concílio de Trento, que durou de 8 de abril a 17 de junho de 1546. Nela se reconheceram os livros contidos na Vulgata como canônicos. E entre eles estão os apócrifos.

A Vulgata (palavra latina que significa "comum") é a tradução das Sagradas Escrituras feita pelo erudito padre da igreja católica, S. Jerônimo (331-420). Trata-se de uma versão do hebraico e do aramaico quanto ao Antigo

Testamento, e do grego quanto ao Novo Testamento, para o latim. O trabalho foi feito com sumo cuidado. Vinte e um anos ele levou para traduzir o Velho Testamento. Contudo, com respeito aos livros que hoje conhecemos por apócrifos, S. Jerônimo não lhes deu nenhuma importância. Com efeito, o livro de Tobias foi traduzido num dia, segundo o afirma o próprio tradutor no prefácio a esse livro.

Fazemos notar que os judeus da Palestina jamais reconheceram os livros apócrifos como inspirados. Essa posição correta tem sido mantida firmemente até hoje. Por exemplo, a nova versão castelhana do Velho Testamento com o nome de Bíblia, feita por judeus (Leon Dujoyene, Manassés Konstantynowski e Moisés Konstantynowski), editada em 1961 pela editora Sigal, Corrientes 2854, Buenos Aires, só contém os 39 livros que estão no Velho Testamento das traduções feitas circular pelas Sociedades Bíblicas protestantes.

### **A Essência em Questão**

Há uma passagem que se reveste de importância e que estudaremos um pouco mais detidamente. Trata-se do relato de uma das lutas de Judas Macabeu que batalhou para libertar o povo judeu de sob o jugo dos selêucidas opressores. (2)

Diz a narrativa que depois de haver alcançado uma vitória sobre as forças de Górgias, "juntando Judas o seu exército, partiu para a cidade de Odolam; e chegando o dia sétimo, purificados segundo costume, celebraram o sábado, neste mesmo lugar. E no dia seguinte, foi Judas com os seus para levar os corpos dos que tinham sido mortos, e para os sepultar com os seus parentes nos sepulcros de seus pais. Ora, encontraram debaixo das túnicas dos que tinham sido mortos algumas oferendas consagradas aos ídolos, que havia em Jamnia, que a lei proibía aos judeus; todos, pois, reconheceram que havia sido esta a causa de sua morte. Todos por isto bendisseram o justo juízo do Senhor, que tinha descoberto o que estava escondido; em seguida, tendo-se pôsto em oração, suplicaram (ao Senhor) que Se esquecesse do pecado que fôra cometido. Ao mesmo tempo, o fortíssimo Judas exortava o povo a que se conservasse sem pecado, vendo diante de seus olhos o que tinha acontecido, por causa dos pecados daqueles que tinham sido mortos. E, tendo feito uma coleta, mandou doze mil dracmas de prata a Jerusalém, para serem oferecidas em sacrifício pelos pecados dos mortos, sentindo bem e religiosamente a respeito da ressurreição (porque se ele não esperasse que os que tinham sido mortos haviam um dia de ressuscitar, teria por coisa supérflua e vã orar pelos defuntos); e porque ele considerava que aos que tinham falecido na piedade estava reser-

vada uma grandíssima misericórdia. É, pois, um santo e salutar pensamento orar pelos mortos, para que sejam livres dos seus pecados." II Macabeus 12:38-46. (Versão Matos Soares)

Aceitando como histórica esta narração, o "fortíssimo Judas" efetuou um sacrifício pelos mortos como não tem precedente em todo o Velho Testamento. É algo completamente anormal.

Recorde-se que Deus especificou por meio de Moisés os diferentes motivos pelos quais se devia oferecer sacrifício. Menciona-se expiação por "êrro," pelo pecado de um "sacerdote ungido," "por tôda a congregação de Israel," "pelo príncipe" ou por alguma pessoa comum do povo (Levíticos cap. 4).

Temos também tôdas as especificações da expiação a efetuar-se por causa de prejuízo, de juramento temerário ou quando se produziam diversas classes de contaminação. (Lev. cap. 5.)

As ofertas e os holocaustos serem oferecidos nos diferentes dias estão minuciosamente descritos em dois capítulos de Números (cáps. 28 e 29). Ali se mencionam os holocaustos "contínuo," do "dia de sábado," do "comêço de vossos meses," do "mês primeiro, a 14 do mês" (Páscoa), dos "15 dias dêste mês" (Pães asmos), o que se devia oferecer em "cada um dos sete dias" (enquanto se comiam pães asmos), "no sétimo mês, a primeiro do mês," no "dez dêste mês sétimo," "aos quinze do mês sétimo," e então oito dias seguidos com ofertas expiatórias especiais.

Em meio de todo êste sistema ritual, tão minudentemente especificado pela sabedoria divina, não há um só exemplo de holocausto ou qualquer outro ato expiatório pelos mortos. É impossível supor que algo tão importante tenha sido passado por alto pelo Eterno, se Sua vontade tivesse sido que se efetuassem tais cerimônias.

### **Não Pode Ter Sido uma Nova Revelação**

A lógica nos diz que Deus não poderia ter deixado passar mais de mil anos (desde Moisés até os Macabeus) sem que se praticassem êstes tipos de sacrifícios, prejudicando assim a incontáveis filhos do povo de Deus que poderiam haver sido beneficiados com êles em sufrágio de suas almas depois de mortos.

Mas não é só uma questão de lógica. Há outro fato bem claro. Nos dias da cruel opressão dos selêucidas sobre Israel, não havia revelação de Deus. Isto sabemos por esta passagem: "E levantou-se uma tão grande tribulação em Israel, como não se tinha visto outra assim desde o tempo em que os profetas tinham desaparecido de Israel." "Porque ouviu dizer que os romanos tinham chamado os judeus seus amigos e aliados, e irmãos, e que tinham recebido os embaixadores de Simão

com grande honra; e que os judeus e os seus sacerdotes tinham consentido que êle fôsse seu chefe e sumo sacerdote para sempre, até que se levantasse um profeta fiel." I Macabeus 9:27; 14:40 e 41. (Versão Matos Soares.)

A primeira passagem se refere ao triste momento que se seguiu a morte de Judas Macabeu. A segunda fala de Simão, irmão de Judas, o último sobrevivente dessa heróica família, eleito como "seu chefe e sumo sacerdote."

O segundo livro de Macabeus não menciona que tenha havido algum profeta em seu tempo. É importantíssimo saber também que os judeus chamam a Malaquias "o selo dos profetas," por ter sido o último dos mensageiros inspirados do Velho Testamento.

### **Uma Surpreendente Passagem Quanto aos Mortos**

No segundo livro de Macabeus registra-se também outro gravíssimo êrro. É a suposta intercessão do falecido sacerdote Onias, do tempo de Judas Macabeu, e de Jeremias, o profeta falecido fazia uns 400 anos. A passagem onde se refere esta pretensa intercessão é a seguinte:

"Eis que a visão que teve: Parecia-lhe que Onias, sumo sacerdote, que tinha sido homem de bem e afável, recatado no olhar, modesto nos costumes, agradável nos seus discursos, e que desde menino se tinha exercitado nas virtudes, estendendo as mãos orava por todo o povo judaico; que depois disto lhe aparecera outro varão respeitável pela sua idade e pela sua glória, e cercado de grande majestade; e que Onias, apontando para êle, dissera: Este é o amigo de seus irmãos e do povo de Israel, êste é Jeremias, profeta de Deus, que ora muito pelo povo e por tôda a cidade santa. Depois Jeremias, estendendo a mão direita, deu a Judas uma espada de ouro, dizendo-lhe: Toma esta santa espada como um presente de Deus, com a qual deitarás por terra os inimigos do Meu povo de Israel." II Macabeus 15:12-16.

Temos citado estas passagens da Versão Matos Soares.

É bem claro o panorama que oferece êste livro considerado pela igreja católica como dêuterocanônico, isto é, considerado canônico depois dos outros livros de origem divina. Por um lado ensina o suposto valor dos sufrágios dos vivos em favor dos mortos; e dá como real a intercessão dos mortos em favor dos vivos: vale dizer, apóia o ensinamento católico, negado pelos livros canônicos da Bíblia e que foi uma das causas da Reforma do século XVI: a oração pelos mortos, com missas em seu favor bem como outras formas de sufrágio, e demais disto, diz que é real algo completamente desconhecido nos livros inspirados da Bíblia: a suposta intercessão dos mortos em favor dos vivos.



## Carta Aberta a uma Aflita Espôsa de Ministro

RON RUNYAN

**M**ESES atrás chegou à redação de *Ministry* uma carta anônima. Foi-me entregue para que eu a respondesse. Aqui está como foi exposto o problema, tão velho quanto o pecado.

“Prezados senhores: Será que os senhores poderiam dar algum conselho sobre como deve um pastor conduzir-se em seu trato com mulheres na igreja?”

“Gera familiaridade chamá-las pelo seu primeiro nome?”

“Visitar jovens senhoras em seus lares quando estão sôzinhas e seus maridos no trabalho?”

“Ceder-lhes objetos de seu uso pessoal, principalmente nos períodos de recolta?”

“Ser visto sempre falando com mulheres muito chegadoinho, em tom de voz baixo?”

“Deve estar sempre desejando fazer-lhes pequenos obséquios e levá-las em seu carro? Dizer-lhes parlapatices ao telefone?”

“Em qualquer reunião não perder a oportunidade de apertar-lhes a mão ou visitar departamentos da escola sabatina onde elas se encontram?”

“Sou espôsa de um ministro e tenho procurado ajudar meu marido nesses pontos, mas ele recusa admiti-los. Agora os membros da igreja já estão comentando suas familiaridades com mulheres, e com uma em especial.

“Estou viajando, de forma que os senhores não poderão saber minha identidade, mas sou uma angustiada espôsa de ministro, suplicando auxílio antes que seja demasiado tarde.”

Uma vez que os atores deste trágico drama são desconhecidos, torna-se necessário uma resposta em duas partes. É muito raro creditarem-se todos os erros cometidos num episódio desta

natureza a uma só parte. Assim, permitam-nos falar primeiro sobre o espôso ministro.

### O Perigo da Queda

Qualquer homem normal que se imagine imune à imoralidade, fará melhor se vigiar com cuidado a sua alma e considerar diáriamente a advertência de Paulo: “Não te ensoberbeças, mas teme.” Rom. 11:20. “Aquêle, pois, que cuida estar em pé, olhe, não caia.” I Cor. 10:12. Desacreditar dessas palavras torna uma pessoa simpatizante com o maligno.

Tenho falado com mais de um ministro que caiu, e sentem-se espantados com o fato de haverem caído! Se pudéssemos obter o honesto testemunho de cada ministro que deixou nossas fileiras por esta causa, penso que encontraríamos a geral declaração de que o homem precisa estar em constante guarda e exercer o mais completo cuidado em seu trato com o sexo oposto.

Que se pode dizer de o ministro chamar as irmãs de sua igreja pelo primeiro nome? É difícil fixar uma regra neste caso. Depende muito das circunstâncias, mas falando de maneira geral, um ministro cuidadoso não se envolverá neste tipo de familiaridade. Se o ministro chama uma mulher pelo seu primeiro nome, não tem ela direito recíproco? Estamos vivendo num século de extrema facilidade de associação e familiaridade. O pensamento corrente exalta o tema de “associação e conagração,” que é considerada coisa distinta em certas áreas de atividade. Mas as estatísticas do pecado revelam uma terrível quebra das normas morais de con-



duta sexual. Não seria muito melhor ter cautela extra nesta área, e revestir-se de toda a armadura de Deus, em vez de seguir o caminho da familiaridade indevida que pode levar tristezas ao lar e à igreja?

### Visitar Sôzinho

Podem-se encher livros com a discussão do problema de ministros visitarem desacompanhados da esposa mulheres solteiras ou casadas quando o marido está ausente. O ideal seria que o ministro e esposa visitassem juntos nos casos aqui mencionados. Uma esposa de obreiro que tivesse ela própria o seu trabalho em tempo integral acharia difícil, se não impossível, um programa regular de visitas. É lamentável que qualquer esposa de obreiro tenha de trabalhar. Se já houve um tempo em que a igreja tanto necessitasse do trabalho conjugado do obreiro e sua esposa, esse tempo é agora! As oportunidades para o pastor e sua esposa conquistarem e moldarem o coração de seu povo são maiores agora do que nunca. Muitos de nossos caros membros estão esmorecendo no ânimo por falta de terno amor e cuidado tanto do pastor do rebanho como da pastora.

Se um pastor está na desafortunada posição de ter de visitar sôzinho porque sua esposa está sobrecarregada com seu trabalho regular, sua única alternativa é visitar mulheres casadas quando os respectivos maridos estiverem *em casa*, e visitar mulheres solteiras nos fins de semana, quando sua esposa pode acompanhá-lo. Se é impossível à esposa acompanhá-lo, então deve ele por todos os meios levar em sua companhia um ancião ou diácono.

Nunca é demais o cuidado no programa de visitação. É um triste fato que há algumas senhoras solitárias que anseiam pela atenção masculina, e especialmente de um líder da igreja. "As mulheres são demasiado tentadoras. Com um ou outro pretexto elas se empenham em ganhar a atenção de homens, casados ou solteiros, e levam-nos até o ponto em que transgridem a lei de Deus, até que sua utilidade seja arruinada e sua alma esteja em perigo." — *Testimonies*, Vol. 5, pág. 596.

### Culto ao Herói

O culto ao herói não se limita à política. Existe na igreja também! Nada pode ser mais desconcertante a nós pregadores do que uma mulher sonhadora nos tomar a mão e começar a distilar palavras de lisonja e elogios, como: "Oh, pastor, o senhor é maravilhoso, e é maravilhoso pregador! Eu poderia ficar a ouvi-lo

o dia todo e não me cansaria!" Ela poderá estar falando a verdade quanto a ouvir o pregador o dia todo, mas não sobre a Bíblia!

A melhor maneira de tratar com essas damas de lisonja açucarada é libertar a mão imediatamente e dizer, olhando-lhes diretamente nos olhos: "Irmã, se eu disse alguma coisa que a ajudou espiritualmente, agradeça a Deus, não a mim!" Quanto mais depressa o ministro puser no seu devido lugar este tipo de pessoas, especialmente se fôr uma jovem, tanto melhor. "Devem êles (os ministros) evitar a aparência do mal, e quando jovens senhoras se mostrarem muito sociáveis, é dever fazê-las compreender que isto não é apreciado. Êles precisam repelir esta aproximação, com pena de serem considerados rudes. Tais coisas devem ser rechasadas, a fim de que a causa seja salva de reproche." — *Idem*, Vol. 1, 381. "A ninguém seja permitido louvar-vos ou adular-vos, e tomar vossa mão; deixar claro que isto não vos agrada." — *Idem*, Vol. 5, pág. 596.

### Nunca Fechar a Porta

Um ministro que eu conheço pessoalmente e cuja reputação está acima de qualquer crítica e cujo caráter é íntegro, recusa sempre visitar qualquer mulher que esteja sôzinha, a menos que alguém o acompanhe. E mais, a porta de seu escritório fica sempre aberta se uma mulher desacompanhada está falando com êle. Êle segue esta prática não obstante sua idade. Isto tem naturalmente contrariado algumas, mas eu pergunto quantos ministros não estariam ainda subindo ao púlpito cada sábado se tivessem seguido o exemplo dêste homem.

Uma personalidade reservada e contudo simpática deve ser desejada. Uma avalanche de ais e misérias podem começar a partir de uma pequena concessão. Um sorriso extra, um toque de mão, algumas palavras afáveis, uma olhadela furtiva, pode ser a pequena vibração que porá a avalanche em movimento. O vício pode prontamente tornar-se desejável e a virtude detestada quando o eu se torna regra.

Pureza de pensamento, de palavras e de ação é a única salvaguarda do ministro. A batalha contra o cal não cessa com a idade. Mais de um grisalho eclesiástico tem-se rendido ao fruto proibido de relações extraconjugais. Nesta era de brutal abandono da pureza de princípios, dê o ministro de Deus o exemplo de uma vida santa, prudente.

(No próximo mês falaremos sobre a parte da esposa do ministro como sua fiel companheira.)

# Que Pretendemos Dizer por Evangelismo Total?

TEODORO CARCICH

Vice-Presidente da Associação Geral

**Q**UE significa evangelismo total? Significa muito mais, certamente, que mera programação de evangelismo em níveis altamente denominacionais. Isto é relativamente fácil aos peritos em elaborar estratégia pelo mapa, mas o êxito de qualquer penetração evangelística depende das pessoas encarregadas em tôdas as camadas da organização da igreja.

Evangelismo total é demasiadamente interpretado como significando inteiro envolvimento de apenas aquêles poucos escolhidos que, pelo traquejo e experiência, acham-se habilitados a dirigir-se a auditórios vastos. Isto é uma idéia errônea.

Muito à semelhança dos expectadores esportivos, inclinamo-nos a deleitar-nos em algum astro evangélico, e afluimos para vê-lo desempenhar-se. Assim fazendo, damos lugar a um falso senso de consecução ao sentar-nos em volta à espera da próxima estrêla a se manifestar, quando, para nosso próprio benefício e dos outros, dever-nos-íamos envolver nós mesmos na liça.

No que concerne aos expectadores de esportes, ensina a experiência que o assentar-se de parte e animar o time especial pode suscitar pressão alta, mas que o persistir nisso, o não tomar parte por sua vez nos exercícios, contribui notavelmente para a flacidez muscular. Dar-se-á que nosso flácido espírito evangelístico seja devido à obsessão de observar outros no desempenho daquilo que nós mesmos deveríamos estar realizando?

## A Principal Ocupação da Igreja

Evangelismo total quer dizer a igreja tôda possuída de fervorosa paixão pela proclamação do evangelho, um zelo consumidor em persuadir homens a aceitarem o evangelho, e o interesse compassivo que constrange os membros a permanecerem fiéis ao mesmo evangelho. Caso não seja êsse o principal interesse de cada associação, cada departamento, cada igreja, cada instituição, ministro, administrador, oficial de igreja e membro dela, qual é então seu interesse particular na igreja?

A igreja de Jesus Cristo com seus departamentos e instituições correlacionados têm unicamente uma comissão — essa comissão é salientada em S. Mateus 28:18-20. Ela exclui qualquer conceito da igreja como uma confortável casa suburbana de repouso, ou como centro urbano cultural e recreativo, ou, mais longe ainda, como sociedade filosófica de debates que consome tempo verificando o que é relevante ou irrelevante do ponto de vista religioso para nossos dias.

Tampouco as correlacionadas instituições e departamentos da igreja são organizados com o fito de competir com suas congêneres seculares. Quando qualquer organização da igreja é vencida pela tentação de acomodar-se às filosofias e costumes modernos, podeis estar certos de que tal acomodação será a preço da contribuição que a organização particular devia estar fazendo ao total programa evangelístico da igreja.

Considerai o fato de a denominação adventista manter em andamento 437 colégios e escolas secundárias; 4.411 escolas elementares, 137 hospitais e sanatórios; 175 clínicas e dispensários; e 44 casas editoras. Por que existem tais instituições? Subordinando a vossa e a minha opinião pessoais, deixemos a resposta a uma voz autorizada. Diz a serva de Deus: “Deus deve ser reconhecido nas instituições estabelecidas pelos adventistas do sétimo dia. Por elas deve a verdade para êste tempo ser representada perante o mundo com poder convincente.” — *Testimonies*, Vol. 6, pág. 220.

Seja o que fôr que se deduza além disso dessa declaração, isto permanece claro — as instituições estabelecidas pelos adventistas são instrumentalidades evangelísticas. São uma extensão do programa evangelístico da igreja, e por elas deve a verdade para êste tempo ser apresentada ao mundo com poder convincente.

## Identifiquem-se com as Instituições da Igreja

Em defesa dessas instituições, seja-me permitido dizer que em vez de ficar de lado e

criticar sua direção, é chegado o tempo de os membros qualificados da igreja adventista do sétimo dia se identificarem com suas instituições. É uma tragédia e constitui censura aos pais que fundaram essas instituições ver algumas delas com um corpo de funcionários composto de grande número de pessoas não pertencentes a nossa fé.

Como podemos esperar que essas instituições preencham o desígnio a elas dado por Deus quando os membros da igreja se recusam a fazer parte por amarem os cômodos e agradáveis costumes de uma sociedade opulenta? Não devem nossos pastores estimular mais nosso povo a entrar ao serviço de nossas instituições? Certamente o "poder convincente" será reavivado quando tanto os dirigentes como o corpo de obreiros vibrarem ao mesmo grande desígnio que Deus tem para Suas instituições. Façamos nossa parte para tornar isso viável, pois sem essas instituições não será possível evangelismo total.

E que diremos acerca do membro leigo e sua parte no evangelismo total? Vivemos em tempos em que mais membros leigos se estão envolvendo na estruturação e formulação dos métodos da igreja. Isto é excelente e veio com muito atraso, mas na melhor hipótese envolve apenas alguns. Não podemos todos ser chefes; importa que haja alguns comandados, se é que a batalha deva ser ganha. No plano da igreja local, mais e cada vez mais leigos devem assumir e desempenhar-se com eficiência das responsabilidades da igreja, de maneira que o pastor esteja livre para empenhar-se num bem completo programa evangelístico.

E que diremos das igrejas em que centenas se reúnem a cada sábado para ser alimentadas a colheradas na boca, apenas para voltarem à casa e esperarem por nova refeição no sábado seguinte? Observando isso vem-nos à memória a paráfrase de bem conhecido hino:

"Qual poderoso exército, marcha a igreja de Deus;

irmãos, vamos marchando onde hemos já marchado."

Como poderemos mudar a direção do grande exército de Deus e fazê-lo mover-se "por onde os santos têm marchado"? Nossos membros leigos constituem o maior potencial evangelístico da igreja. Considerai que dia de sábado reúnem-se nas igrejas mais de 2.239.000 adventistas do sétimo dia em 15.000 igrejas e 28.463 escolas sabatinas. Tendes aí mais dos filhos de Deus reunidos no mesmo lugar, para o mesmo objetivo, que em outro qualquer dia da semana. Não é preciso muita fé para imaginar o que poderia acontecer se essas igrejas, escolas sabatinas e membros leigos fôssem galvanizados em total ação evangelística.

O conselho dado por Deus é que "se houver grande número de membros na igreja, sejam eles divididos em grupos pequenos para trabalhar, não somente pelos membros da igreja, mas pelos não crentes. Se houver em algum lugar apenas dois ou três que têm o conhecimento da verdade, formem eles um grupo de obreiros. Mantenham inquebrantável união, avançando juntos em amor e unidade, animando-se mutuamente a avançar, recebendo cada um coragem e força da assistência dos outros. Manifestem eles domínio e paciência cristãos, não proferindo palavras precipitadas, empregando o dom da palavra para edificarem-se uns aos outros na santíssima fé. Trabalhem eles em amor semelhante ao de Cristo pelos que se encontram fora do redil, esquecendo-se de si mesmos em seu esforço para ajudar aos outros. Ao trabalharem eles e orarem em nome de Cristo, seu número crescerá; pois diz o Salvador: 'Se dois de vós concordarem na Terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por Meu Pai, que está nos Céus.' S. Mat. 18:19." — *Id.*, Vol. 7, pág. 22. Eis um conselho que, se fôr seguido, ajudar-nos-á a sair do ponto morto e apresentará as perspectivas da obra finalizada em nossos dias.

Existe ainda outro setor em que um presidente de associação ou o pastor deve empenhar seus leigos. Em tôdas as associações temos lugares escuros. Em vários concílios de igreja são adotadas resoluções relativamente a êsses lugares, mas a despeito delas, eles permanecem em trevas.

Como podem ser iluminadas essas zonas da Terra? Deus nos indica a maneira. Nos *Testimonies*, Vol. 7, pág. 22, lemos: "Em humilde dependência de Deus, devem famílias mudar-se para os lugares de Sua vinha ainda incultos. É necessário que homens e mulheres consagrados se levantem como árvores frutíferas de justiça nos lugares incultos da Terra. Como recompensa de seus abnegados esforços em semear as sementes da verdade, ceifarão farta colheita. À medida que visitarem família após família, abrindo as Escrituras aos que se encontram em trevas espirituais, muitos corações serão tocados."

E que dizer quanto à juventude da igreja? Não será possível evangelismo total se os jovens nêle não se envolverem. Seu vigor, sua energia e entusiasmo são necessários se é que a mensagem da igreja deva causar um impacto sobre o mundo. O recente congresso mundial de jovens em Zurique, na Suíça, focalizou novamente o tremendo potencial latente na mocidade da igreja. Ao contrário da mocidade delirante do século a reclamar que o mundo por ela faça alguma coisa, a juventude adventista apre-

senta-se à igreja, dizendo: “Aqui estamos; que poderemos fazer pela igreja? Seja essa entrega da mocidade utilizada para o programa de evangelismo total da igreja.

### Meios Globais

O evangelismo total necessita de meios em massa para atingir os incrédulos ou descrentes. Os métodos convencionais empregados anos atrás são de todo demasiado lentos e ineficientes. O rádio, a televisão e os jornais modernos oferecem amplas possibilidades para o evangelismo de cooperação. Sob tôdas as circunstâncias o trabalho de qualquer meio global deve ser culminado com o contato pessoal mediante membros individuais da igreja.

Semelhantemente, o campo dos livros e das revistas é um gigante adormecido à espera de ser usado eficientemente no evangelismo total. Para serem eficazes, nossas publicações necessitam deixar de falar para si mesmas no que produzem para o público de nossos dias. Precisamos publicar matéria sólida na forma de apologias cristãs e afirmações proféticas visando os não cristãos, e fazendo então todo esforço para colocar o que imprimimos de maneira que atinja as pessoas destituídas de crença religiosa.

A propósito, é necessário um bem maior exército de evangelistas da página impressa para colportar de porta em porta e persuadir o povo a aceitar nossas publicações. Sem o devido e eficaz emprêgo dessa poderosa instrumentalidade a nós dada por Deus, não pode haver isso que se chama evangelismo total. Na essência os evangelistas da página impressa compreendem as tropas de comando que estabelecem uma cabeça de ponte para qualquer tipo de evangelismo que se venha a seguir. Sempre que os administradores de associação e os pastores encorajam homens, mulheres a empreender essa nobre e excitante obra, seguem-se excelentes resultados evangelísticos.

### Poderoso Exército

Isto nos traz aos obreiros atualmente empregados pela denominação. As estatísticas revelam haver a igreja credenciado 61.274 obreiros dessa natureza. Que poderoso exército! Que tremendas possibilidades evangelísticas se acham envolvidas em seu efetivo desdobramento!

Por que são êles credenciados? Acaso meramente para obter emprêgo lucrativo, prestígio, ou posição? Se isso é tudo quanto buscamos, estou certo de haver melhores meios de atingir êsses alvos superficiais do que obstruir as fileiras de um exército aparelhado para a guerra. Se o reavivamento e o evangelismo total não de apoderar-se da igreja, têm de primeiro apoderar-se de seus dirigentes. Pessoa alguma que possua credenciais da denominação pode pre-

tender isenção do movimento evangelístico. Aquilo para que somos designados não é tarefa confortável, mas perturbadora paixão — a paixão de alcançar homens de toda parte com a derradeira mensagem de Deus à humanidade.

Não seremos capazes de atear reavivamento e evangelismo total por resoluções de concílios apenas, mas estejamos certos de uma coisa — podemos todos nêle trabalhar. Desafortunadamente, muitos, muitos dentre nós acreditam que se orarmos bastante Deus penetrará de algum modo e trará miraculosamente a atenção do público à terceira mensagem angélica, ao passo que nós mesmos ficaremos à vontade.

Muitos gostariam de que isso fôsse assim, mas assentemos agora na mente que não será dessa maneira. Se bem que a oração e a presença do Espírito Santo sejam indispensáveis, essas duas instrumentalidades de Deus não operam num vácuo. Ainda é desígnio de Deus empregar agentes humanos — ministros, leigos, professores, obreiros médicos, literatura evangelística, obreiros institucionais e jovens — para produzir o maior confronto e reavivamento espirituais da História.

Não hão de os 61.274 obreiros credenciados da igreja adventista aceitar o repto? Não hão de êles erguer-se coletivamente e levar a organizada igreja de Deus ao evangelismo total? Não hão de êles, cada um, dar o exemplo mediante o alistarem-se em evangelismo pessoal e público?

Dessa maneira faça cada líder, cada ministro e cada administrador institucional soar a ordem para a poderosa igreja remanescente de Deus erguer-se e proclamar de novo, sob a bandeira “os mandamentos de Deus e a fé de Jesus,” a redentora graça do Salvador crucificado, ressurrecto e prestes a vir.

Para nosso encorajamento, Deus fez a seguinte declaração:

“Não ficaremos carecidos de recursos se, tão-somente, avançarmos confiando em Deus. O Senhor está disposto a fazer uma grande obra por todos quantos verdadeiramente nêle creírem. Caso os leigos da igreja despertarem para efetuar a obra que podem realizar, empenhando-se em uma luta por conta própria, vendo cada um quanto lhe é possível realizar na conquista de almas para Jesus, veremos muitos deixarem as fileiras de Satanás para se colocarem sob a bandeira de Cristo. Se nosso povo agir segundo a luz dada nestas poucas palavras de instrução, veremos certamente a salvação de Deus. Seguir-se-ão maravilhosos reavivamentos. Converter-se-ão pecadores, e muitas almas serão acrescentadas à igreja. Quando pusermos o coração em unidade com Cristo, e nossa vida em harmonia com Sua obra, o Espírito que caiu sobre os discípulos no dia de Pentecostes cairá sobre nós.” — *Testimonies*, Vol. 8, pág. 246.

# Deve Começar Comigo

ROBERTO H. PIERSON

Presidente da Conferência Geral

**H**Á nas palavras de Joel e de Sofonias uma mensagem para ti e para mim em nossos dias. Assim o afirma a mensageira do Senhor.

“Cingi-vos de pano de saco e lamentai, sacerdotes; uivai, ministros do altar; vinde, ministros de meu Deus; passai a noite vestidos de sacos; porque da casa de vosso Deus foram cortadas a oferta de manjares e a libação. Promulgai um santo jejum, convocai uma assembléia solene, congregai os anciãos, todos os moradores desta terra, para a casa do Senhor vosso Deus, e clamai ao Senhor. Ah! que dia! porque o dia do Senhor está perto, e vem como assolação do Todo-poderoso.” Joel 1:13-15.

Estas palavras, escritas pelo profeta e dirigidas a Judá, falam a todo obreiro adventista, nesta última hora. O chamado ao arrependimento e à reforma entre os dirigentes espirituais do tempo de Joel, estimulam-vos a vós e a mim.

Sofonias fala também tanto à sua geração como à nossa. Que reivindicação para inteiro arrependimento e viver piedoso encerram suas palavras! “Congrega-te, sim, congrega-te, ó nação que não tens desejo [ou vergonha]; antes que saia o decreto, e o dia passe como a praga; antes que venha sobre vós a ira do Senhor, sim, antes que venha sobre vós o dia da ira do Senhor. Buscai ao Senhor, vós todos os mansos da Terra, que pondes por obra o Seu juízo; buscai a justiça, buscai a mansidão; porventura sereis escondidos no dia da ira do Senhor.” Sof. 2:1-3.

O tempo é breve. Não há horas a serem desperdiçadas. Isto é esclarecido em certa tradução do verso 2: “O tempo para arrependimento apressa-se qual praga soprada pelo vento!” A importância e a urgência do apelo de Sofonias é acentuado no mesmo versículo: “Antes que venha sobre vós a ira do Senhor.” (“Furor da ira,” diz a Atualizada.) Que cena de reavivamento e reforma se descerra aos nossos olhos nessas inspiradas palavras! É de nossos tempos, justo os dias anteriores ao grande dia do Senhor, que falam Joel e Sofonias. O Espírito Santo serviu-Se desses dois homens de

Deus no esforço de despertar Judá. Procuram empregar suas inspiradas mensagens para avivar o coração dos dirigentes de Deus na igreja de hoje.

Quer vivêssemos nos tempos dos profetas, quer vivamos e trabalhemos na atualidade, se ouvirmos a Palavra de Deus e buscarmos ao Senhor de todo o coração, *hão* de vir reavivamento e bênção: “Se o Meu povo, que se chama pelo Meu nome, se humilhar, orar e Me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então Eu ouvirei dos Céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra.” II Crôn. 7:14.

A pena da inspiração descreve vividamente a gloriosa realidade dêsse movimento atual em direção a Deus: “Tenho sido fundamente impressionada por cenas recentemente passadas diante de mim durante a noite. Parecia estar ocorrendo em muitos lugares um grande movimento — uma obra de reavivamento. Nosso povo cerrou fileiras, correspondendo ao chamado de Deus.” — *Mensagens Escolhidas II*, pág. 402.

Ele vem vindo, irmãos! Não há dúvida sobre isso. A mensageira do Senhor contemplou-o em visão — “os remanescentes cerrando fileiras, correspondendo ao chamado de Deus.” Certeza preciosa! Que dia será aquele em que o pleno impulso dêste movimento rumo a Deus se torne gloriosa realidade na igreja!

## Vós e Eu Temos uma Parte a Desempenhar

Vós e eu precisamos desempenhar papel de maior importância no levar o povo de Deus a cerrar fileiras, correspondendo ao Seu apelo. Dirigentes são homens e mulheres que lideram. Os dirigentes encontram-se à frente. Não somente fazem soar o alarme — dão o exemplo. Todo obreiro na igreja de Deus é um líder. Que tremenda responsabilidade repousa sobre nós!

Apraz-me pensar, não somente na *responsabilidade* que nos cabe de conduzir o povo de Deus a essa mais preciosa e plena vida cristã que nos prepara para o reino, mas folgo em sentir também o *privilégio*, a *honra*, a *oportunidade* que nos é dada de achar-nos à testa do movimento rumo a Deus.

Que estímulo se encontra nessas palavras inspiradas: "O reavivamento das igrejas provém do sincero esforço de alguma pessoa em buscar as bênçãos de Deus. Essa pessoa tem fome e sede de Deus, e pede com fé, recebendo de acôrdo com ela. Põe-se a trabalhar com zelo, reconhecendo sua inteira dependência do Senhor, e almas são despertadas para buscar uma bênção semelhante, recebendo em seu coração um período de refrigério." — *Serviço Cristão*, pág. 121.

## Os Reavivamentos Começam com um Líder

Observastes o pensamento básico nessas palavras? Os reavivamentos começam com a preocupação de uma alma consagrada!

Anos atrás, na Inglaterra, um homem ouviu falar do grande reavivamento galês, resolveu ir até Gales e ver por si mesmo o que estava acontecendo. Ao chegar, dirigiu-se a um robusto policial que se achava na plataforma da estação.

— Desculpe-me, oficial, começou êle, pode-me acaso informar quanto ao lugar do grande reavivamento galês de que temos ouvido falar em Londres?

O homem de azul, cujo coração havia por sua vez sido tocado pelo Espírito de Deus, distendeu-se a tôda extensão de sua altura, e batendo no peito com os dedos, respondeu: "Aquê-le reavivamento, senhor, encontra-se justo aqui sob êstes botões dourados!"

"Justo aqui sob êstes botões dourados!" — talvez vós ou eu pudéssemos dizer do reavivamento de nossos dias: "Encontra-se justo aqui debaixo desta gravata negra!" O reavivamento pode — deve — começar convosco, comigo!

Entendemos em geral o reavivamento como uma experiência coletiva, uma ocasião em que línguas de fogo enchem um salão apinhado e o vento veemente desperta a multidão. Isto foi assim, naturalmente, no Pentecostes. Indubitavelmente, repetir-se-á, mas o ponto que não desejo que seja perdido de vista é que um Pentecostes coletivo só é possível porque há Pentecostes em corações individuais. "Precisamos entrar na obra individualmente." — *Mensagens Escolhidas*, Vol. 1, pág. 122. A liderança no reavivamento pode ser uma questão individual. O próprio reavivamento precisa ser uma experiência individual.

Repito — entrar nessa experiência é, não somente tremenda responsabilidade, é glorioso privilégio. O reavivamento, a reforma, pode — deve — começar com uma pessoa; esta pessoa pode, deve ser você, eu! "Quando as igrejas são reavivadas, é porque algumas pessoas buscam fervorosamente a bênção de Deus."

Pegai a Bíblia, lede relatos de reavivamentos inspirados por Deus nos tempos do Velho Testamento. O Senhor servia-*Se* de um homem

para inspirar despertamentos tanto em Judá como em Israel. Ao passo que o destemido ministério de Elias interrompeu a rápida disseminação da apostasia em Israel, Deus servia-*Se* de Josafá para efetuar um reavivamento em Judá. (Ver *Profetas e Reis*, págs. 155-203.)

Ezequias, Josias, Esdras, Neemias, achavam-se entre os homens de Deus que buscaram "fervorosamente a bênção de Deus." Foram usados para trazer grande refrigério espiritual ao povo de Deus em seu tempo. Êsses reavivamentos foram, cada um, ateados por um homem. Se o Senhor empregou um homem para operar reforma no tempo do Velho Testamento, o mesmo Deus pode realizar a mesma obra necessitada por Seu povo em nossos dias, quando cada pessoa experimentar "fome e sede de Deus," "põe-se a trabalhar com zelo."

## Imperioso o Preparo

Mas tem de haver um preparo. Elias, Josafá, Ezequias, Esdras, Neemias jamais poderiam ter sido usados como instrumentos de um poder reavivador sem o necessário preparo. Vós e eu temos de estar dispostos a pagar o preço do denunciador poder do Espírito Santo que, só, despertará os laodiceanos dos nossos dias!

Qual é êsse preço? Lede novamente II Crôn. 7:14. As condições são evidentes. Quatro passos tem de dar o povo de Deus, declara o inspirado autor, para encontrarem perdão e "cura" (reavivamento e reforma). O primeiro: "Se o Meu povo... se humilhar." Voltamos exatamente ao ponto em que começamos nossa mensagem: Deus nos chama primeiro ao verdadeiro arrependimento. Não pode haver uma afetada contrição, nenhum sentimento de lamentação por ser decretada a punição ao impenitente. A sincera tristeza pelo pecado tem de preceder o reavivamento. Amigo, sabe você o que é o verdadeiro arrependimento em sua própria vida?

O passo seguinte? "Meu povo... orar." Não pode ser um rápido balbuciar, um murmúrio rotineiro. Unicamente o lutar com Deus em favor de nossas próprias necessidades e do povo a quem servimos trará refrigério espiritual, quer para nossa própria alma, quer para a vida daqueles a quem pastoreamos. Coobreiro, você sabe de fato como orar?

Além do arrependimento e da oração? Diz o Senhor: "Se o Meu povo... Me buscar." O meio principal de buscar e encontrar o Senhor é fazê-lo mediante o estudo de Sua Palavra. O reavivamento verdadeiro terá base bíblica, repousando totalmente nas advertências e promessas da Palavra inspirada. Se você e eu nos havemos de tornar veículos de reavivamento e reforma, temos de buscar ao Senhor mais fervorosamente e mais devotamente, na Palavra da Vida.

“Se o Meu povo... se converter dos seus maus caminhos.” Deus convoca hoje o povo para um arrependimento que inclui o abandono do pecado. Eis a reforma que é parte intrínseca do reavivamento. O povo de Deus não só tem de despertar, mas carecemos de uma contínua experiência de vitória em nossa vida. O pecado deve ser despedido. Tem de ser abandonada qualquer concessão. Por Jesus Cristo nosso Senhor, será nossa a vitória sobre o maligno. Que solene desafio! Que preciosa certeza! Deus vos lança um repto, Deus me lança um repto, com semelhante experiência.

### Há Auxílio para Nós

Não precisamos buscar sozinho essa experiência. Com efeito, jamais poderemos esperar realizar essa plenitude da bênção divina a sós. Só virá com auxílio de cima, e fora de nós mesmos. As palavras de Paulo encerram o segredo da esperança e do auxílio: “Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo.” I Cor. 15:57.

Diz um poeta, em bela quadra (cuja tradução damos em prosa): “Em vão tentei, de mil maneiras, estancar meus temores, minhas esperanças avivar; mas o que preciso, di-lo a Bíblia: É Jesus, somente e sempre Jesus!”

“É pela comunicação da graça de Cristo que se discerne o pecado em sua natureza odiosa, sendo afinal expulso do templo da alma.” — *Mensagens Escolhidas*, Vol. 1, pág. 366. “Cristo olha ao espírito com que fazemos as coisas, e quando nos vê levando nossa carga com fé, Sua santidade perfeita faz expiação por nossas faltas. Quando fazemos o melhor possível, Ele Se torna nossa justiça.” — *Idem*, pág. 368. “Cristo nunca abandonará a alma pela qual Ele morreu.” — *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 81.

Graças a Deus, Ele proveu auxílio mediante Jesus Cristo, Seu Filho. Nós não travamos a

batalha sozinho! Pertence-nos um poder que jamais falha! Com esse auxílio  *você*  pode ser o homem, a mulher que o Senhor usará para atear a chama do reavivamento no  *seu*  distrito, em  *sua*  Associação, em  *sua*  instituição.

### Resultados de Semelhante Preparo Pessoal

Quais serão os resultados dessa experiência de reavivamento com Jesus, em nosso ministério? A mensageira do Senhor declara que, se pedirmos “com fé” havemos de receber de acordo. Se o crente se põe “a trabalhar com zelo, reconhecendo sua inteira dependência do Senhor, ... almas são despertadas para buscar uma bênção semelhante, recebendo em seu coração um período de refrigério.” — *Serviço Cristão*, pág. 121. O reavivamento virá, irmãos, quando você e eu desejarmos bastante pagar o preço do preparo. Esse preço é um rompimento completo com o pecado e o mundo, e uma completa e constante dedicação a Ele, que é “o caminho, a verdade, e a vida.”

### Deus Confia em Nós

“Tenho esperado ansiosamente, na esperança de que Deus pusesse Seu Espírito sobre alguns a fim de usá-los como instrumentos de justiça, para despertar e pôr em ordem a Sua igreja.” — *Testimonies*, Vol. 5, pág. 663. Você e eu podemos ser os “instrumentos de justiça” que o Senhor deseja usar para despertar Sua igreja e trazer reavivamento e reforma a nossa parte de Sua vinha. Lembremo-nos de que “quando igrejas são reavivadas, é porque algum indivíduo procura a bênção de Deus.” Coobreiros de todo o mundo, possa Deus fazer de vós e de mim esses  *indivíduos*  — os indivíduos pelos quais Ele possa operar o reavivamento e reforma em nosso lar, em nossa igreja, em nossa Associação. E oxalá o faça logo, muito logo, a fim de que não retardemos por mais tempo a volta do Senhor!

# Avançar? ou Enlanguescer?

A HISTÓRIA da igreja cristã encerra repulsiva nota de repetição. Movimento após movimento distinguiu-se ao surgir por zelo e energia extraordinários no que respeita a ganhar almas, para enlanguescer gradualmente e esvaziar-se na atividade de testemunhar. Poderão os adventistas bater o recorde?

Regoziamo-nos, e com razão, pelas conquistas evangelísticas. A despeito de nossos alcançados recordes estatísticos, porém, grande parte do mundo ainda se assenta nas trevas espirituais. A questão não é converter o mundo, antes dar a conhecer ao mundo que lhe é dado escolher como fim na vida alguma coisa que não a morte. É a questão de fazer toda criatura humana compreender que o pecado e a morte foram derrotados na pessoa de Jesus Cristo.

Afirmamos constantemente: "Possuímos a verdade de que o mundo necessita," "Temos a última mensagem de advertência." Estamos nós, porém, comunicando realmente as boas-novas ao nosso planeta? Não há falta de atividade em nosso movimento. Temos nossos retiros, viagens, reuniões de obreiros, congressos de todo tipo e reuniões campais. Estamos todavia nos disseminando?

## A Estrada Sem Vida

Um dos mais interessantes relatórios estatísticos que nos seria dado ler, mantido somente pelos estatísticos, seria o de quanto tempo, dinheiro e energia são gastos em direta aproximação com as massas do mundo com as três mensagens angélicas. É possível que gastemos mais em viagens e despesas de locomoção do que no evangelismo público direto? Recente relatório publicado indica que só a América do Norte dispense aproximadamente um milhão de dólares por ano com movimentação de obreiros. Isso além dos orçamentos e despesas de viagens regulares. É claro que é necessária certa quantidade de movimento. Não é tempo, no entanto, de esquadrihar nosso coração para verificar se parte dessa movimentação não é nervosismo em vez de diligência? Não é tempo de apurar se muito de nossa vitalidade não está sendo consumido em consubstanciar os ganhos em vez de ocupar mais território inimigo? Não há muita importância em construir linhas Maginots, eclesiasticamente falando, na tentativa de salvaguardar o movimento tanto do ponto de vista financeiro como doutrinário. Nossa única salva-

guarda reside em lançar constantes ataques ao inimigo. Que pensamento desesperador seria que os adventistas do sétimo dia trilhassem o caminho sem vida da igreja institucional!

Pensai na influência e no impacto que o movimento milerita fez na sociedade. Ele conquistou de cinquenta a cem mil seguidores de uma população nacional de dezessete milhões. Os dois breves verões de 1843 e 1844, testemunharam de quinhentas mil a um milhão de pessoas freqüentando cento e trinta reuniões campais evangelísticas do advento. Por que não pode o mesmo fervor e zelo se apoderar de nosso movimento hoje? Tem a boa nau adventista estado encalhada nas praias da timidez, da cautela e completa letargia?

Hoje é o Getsêmani da Terra. Seu brado: "Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?" deve despertar mesmo os mais céticos e sonolentos dentre nós. Os títulos correntes dos jornais haveriam chocado os pastores e as ovelhas adventistas de dez anos atrás. O estranho tornou-se comum. O mundo maravilha-se em respeito ante o deus da ciência que acaba de levar homens à Lua. A igreja, no entanto, prosaicamente, destituída de imaginação, arrasta os pés evangelísticos no dar a conhecer ao mundo que Cristo está prestes a aterrissar em nosso planeta! As importantes ordens de dar à trombeta um sonido certo e bradar em altas vozes não deviam ser interpretadas como *murmurar*. Estamos nós fazendo guarda-chuvas em vez de construir barcos para escapar à inundação de águas redemoinhantes que nos circundam? Dar-se-ia que o comentário do Mestre: "Os filhos dêste mundo são mais prudentes em sua geração do que os filhos da luz" (S. Lucas 18:8), se aplique especialmente aos nossos dias?

## "Considerações"

Certamente não há falta de sermões, cartas, artigos, relatórios, testemunhos e considerações quanto à necessidade de evangelismo de toda espécie de métodos diretos. Quando, porém, se dissipa o fumo das convenções, pré-concílios, e pós-concílios e outros "estímulos", não nos encontramos labutando no ramerrão das atividades tradicionais, convencionais da igreja?

Nossas gigantescas metrópoles, qual torres



de Babel, acham-se disseminadas por todo continente. Que está sendo feito em seu favor? Quando muito, os adventistas têm uma ou duas frouxas luzes, algumas das quais apenas bruxuleando. Nossas cidades de céus cinzentos de fumo, excluem um quarto da luz do Sol — estamos nós excluindo a luz do evangelho pelo desinteresse? No melhor dos casos, nosso estado presente é um grito longínquo do que otimisticamente esperamos venha a ter lugar quando o anjo de Apocalipse 18 iluminar a Terra com sua glória. Esta descrição profética encontra-se de certo longe dos fatos tais como hoje se mostram.

### Grau Infinitesimal

Não requer muito vigor dar palmadinhas nas costas e apertar a mão uns aos outros nas convenções adventistas. Ide, porém, lá para fora, às estradas do mundo e a seus atalhos, tanto das cidades colossais como das pequeninas vilas, e perguntai ao homem nas ruas que sabe êle acêrca de nós e de nossa mensagem. Sereis na verdade afortunados se acaso a maioria ouvir falar a nosso respeito, não falando naquilo em que acreditamos. Não se iludam os que trabalham em zonas adventistas densamente populadas, quanto ao grau de conhecimento exato que as massas do mundo têm do que nos diz respeito.

“Milhões e milhões de almas prestes a perecer, ligadas em cadeias de ignorância e pecado, nunca ouviram tal coisa como seja o amor de Cristo por êles. Invertidas as condições, que desejaríamos que fizessem por nós?” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 479. Não solicitaríamos nós que esforços de irresistível magnitude fôssem idealizados e postos em execução?

Se jamais houve ou há de haver tempo em que “ministros designados por Deus reconheçam ser necessário realizar esforços extraordinários a fim de prender a atenção das multidões” (*Evangelismo*, pág. 122), *êsse tempo é o atual!*

### Progresso Animador

Talvez o mais animador dos progressos seja o reconhecimento desde o presidente da Associação Geral ao pastor de tal lugar, em tal Estado, de que a igreja não está atingindo os alvos a ela propostos pelo Senhor. O que é dito aqui é simples reflexo de crescente percepção, na igreja, de que o moderno Israel tem passado suficiente tempo no deserto; é tempo de sair dali pela fé, e pôr o pé nas águas do Jordão em preparo para a travessia à Canaã celestial. Há crescente convicção da parte de muitos de que a igreja reconquistará a atitude

e os característicos tão eloqüentemente esboçados pelo rei Salomão na pergunta: “Quem é esta que aparece como a alva do dia, formosa como a Lua, pura como o Sol, formidável como um exército com bandeiras?” Cantares 6:10.

Sei por mim mesmo que nossos dirigentes estão fazendo o máximo que lhes é possível para pôr novamente a igreja em movimento. Estão tentando pôr mais fundos no setor de diretos tipos de evangelismo público. Grupos de tarefas têm sido designados pela administração para estudar as tendências denominacionais em tôda região. Nossa complexa estrutura departamental está sendo examinada. Distribuição de recursos educacionais e combinação de objetivos estão sendo estudados. Estas são reconfortantes novas ao considerardes que uma de nossas facilidades educativas hoje envolve um décimo do orçamento mundial que temos! O vindouro Concílio Outonal terá como um de seus temas principais a entrada em novos territórios no campo mundial. Êsses são apenas alguns dos passos que são projetados.

Não ousamos permitir que as tragédias que derrotaram os esforços de outras igrejas nos atinjam. O repto a enfrentar hoje, nossa igreja requer a mais refletida percepção, ousar planos dramáticos e ter insuperável fé. Acima de tudo, os tempos exigem que, como ministros, atinjamos aquêle exaltado estado de renúncia total em prol de combinado arremêso no salvar almas. Deus não tolerará por mais tempo que Sua grande comissão evangélica seja usada como um clichê desgastado, batido. Ela se deve tornar dinâmica verdade em ação! Uma arremetida dessa natureza há de polarizar as latentes e mal dirigidas energias de nosso movimento, e uma vez mais, como nos dias dos apóstolos, a igreja começará a marchar qual poderoso exército que sai para vencer! É nossa a batalha. Assegurada está a vitória caso a igreja convertida se empenhe em testemunhar.

### Que Podereis Fazer Nesse Sentido?

Queremos em artigos sucessivos, sugerir certos planos que ajudarão a igreja a marchar na devida direção. Pedimos que vos coloqueis no lugar do presidente da Associação Geral; ou, se não vos fôr possível suportar o calor, experimentai então o do presidente da associação local. Que idéias, conceitos e planos tentaríeis iniciar se estivésseis no lugar dêle? Enviai vossas propostas quanto ao que a igreja pode e deve fazer para dar a conhecer ao mundo que Deus existe, que Êle tem um Filho, e tem uma igreja com uma mensagem para êstes momentos finais da história terrestre. — J. R. S.

# À Procura da Pureza

JOSEFINA C. EDWARDS

TIVE ontem uma experiência aprazível. Fui, nas belas horas matinais do sábado, a uma igreja em que era esperada para falar. Ao chegar ao aseado e atrativo vestibulo dêsse templo, saiu-me ao encontro a espôsa do pastor. Ela é uma pessoa encantadora, de bom gôsto e com aquela modéstia no vestir que devia caracterizar todos quantos pertencem ao maravilhoso corpo de Cristo. Enquanto assinava o livro de visitas, acudiu-me o grato pensamento — Estou com o povo de Deus, na casa do Senhor.

Fiquei encantada igualmente com o modesto vestuário da superintendente e da secretária da escola sabatina. Disse a superintendente que a jovem senhora que apresentava a música era membro nôvo da igreja. Ela, da mesma maneira, tinha a aparência de um membro da igreja remanescente!

Essa questão de vestuário e sua relação para com a moral em nossos dias ocupa a mente de nossos cristãos pensantes de tôda parte. Se ouvimos aos que lançam as modas dêste mundo, chegam-nos aos ouvidos declarações incommuns. Mesmô esta semana, disse uma comentarista de rádio: “Qualquer coisa está em moda: use roupas, ou não use coisa alguma, e você estará na moda; mini-saia ou nenhuma saia, e você ainda estará moderna.” Afinal, quem está brincando com a alma e o coração da moral do mundo hoje em dia? A mudança é tão rápida, tão insidiosa, tão rebaixadora, que não pode provir senão do maligno.

Faz pouco ainda que se tornou comum ver fileiras de joelhos em cima, na frente da igreja, em todo púlpito, no vestibulo, nas alas. Podemos nós pedir e receber a bênção do Senhor quando aceitamos coisas que nos eram ainda há pouco repulsivas? “As modas de hoje não comunicam beleza,” declarou uma modista: “São para mostrar uma liberdade e um desembaraço nunca dantes permitidos.”

Escreveu a serva do Senhor: “A simplicidade de vestuário faz com que a mulher sensata se apresente no melhor aspecto. Julgamos o caráter de uma pessoa pelo tipo de vestimenta que ela usa.” “Uma mulher modesta, piedosa, trará modestamente.” — *Testimonies*, Vol. 4, pág. 643. E noutro lugar: “Há sôbre nós, como um povo, terrível pecado — havermos permitido os membros de nossa igreja vestirem-se de maneira incoerente com a fé que professamos.

Cumpre-nos erguer-nos imediatamente e cerrar a porta contra as seduções da moda. A menos que assim façamos, nossas igrejas ficarão desmoralizadas.” — *Id.*, pág. 648.

Se a serva do Senhor viu isto em seus dias, que pensaria ela da clamorosa exibição de pernas para além dos joelhos, a exposição de cinturões, os apertados *shorts* e *slacks*, cujos porta-dores parecem encher as ruas de nossas cidades — sim, até os bancos das igrejas? Boas mulheres que ainda há poucos meses se haveriam chocado por exposições de nus, estão agora expondo seu corpo nas passarelas, e os crimes que envolvem mulheres atingem as alturas.

Há decadência por tôda parte — nos jornais, e mesmo nas escolas, onde estão privando as criancinhas da inocência de sua infância, forçando-lhes na mente coisas sexuais que, em sua pureza, elas não têm emoções para perceber. Por todo lado está em publicidade a impureza. São contemplados e admirados astros da televisão que têm espôsa número dois, quatro, seis, e poucos pensam mais haver nisso qualquer coisa errada.

O *campus* encontra-se repleto de decadência, regozijando-se os estudantes nessa e naquela liberdade, quando na realidade estão penetrando noutra prisão, mais opressiva que qualquer outra em que já hajam entrado — a prisão da degradação. As pessoas que desejam sinceramente instruir-se são preteridas porque as escolas de alto saber encontram-se cheias de fermento em busca de liberdade — liberdade de gritar palavras de quatro letras, liberdade para terem dormitórios mistos, liberdade para serem imorais — e tudo para quê? Ninguém sabe. E ainda não é o fim.

Importa, todavia, que haja uma classe de pessoas que siga o puro e admirável Salvador, que não tema erguer-se e ser contada; que não tema usar vestuário próprio e decente, e afrontar os ditos do mundo e mesmo, talvez, de alguns da igreja. Não posso crer que os crentes a orar nas alturas dos montes no tempo de angústia se achem trajados de mini-saias ou de *shorts* justos. Tão pouco tempo resta para pôr nossa casa em ordem! O Senhor roga-nos instantemente: “Congregai os Meus santos, aqueles que fizeram comigo um concêrto com sacrifícios.” Sejamos, irmãs minhas, suficientemente bravas para descer a banha de nossos vestidos, e têmos uma santa ufania de ser diferentes — separadas para Seu serviço.

# Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

## O Juízo Investigativo sob o Aspecto do Conceito Arminiano

### Pergunta 36

Visto que os adventistas do sétimo dia se apegam grandemente aos princípios do conceito arminiano, e não do conceito calvinista, no tocante à vontade humana, de que maneira isso afeta vossa compreensão do juízo?

#### O Livre Arbítrio e o Juízo

OS pontos de vista divergentes, classificados como "Calvinismo" e "Arminianismo," têm raízes que se estendem a tempos remotos na história da igreja — até a época de Agostinho. Através dos séculos subseqüentes os teólogos se agruparam de um lado ou do outro. Esses conceitos teológicos entraram, porém, em choque frontal na Holanda, nos primeiros anos do século XVII, quando Armínio atacou o ensino calvinista de decretos divinos envolvendo a vontade humana.

#### I. Cinco Pontos da Predestinação Calvinista

Em 1537, na obra *Instruction in Faith* (Paulo T. Fuhrmann tr., 1949, pág. 36), João Calvino declarou:

"Ora, a semente da Palavra de Deus só se enraíza e produz fruto nas pessoas que o Senhor, por Sua eleição eterna, predestinou para serem filhos e herdeiros do reino celestial. Para todos os outros (que pelo mesmo conselho de Deus foram rejeitados antes da fundação do mundo) a clara e evidente pregação da verdade só pode ser um cheiro de morte para morte."

João Calvino foi uma das mais brilhantes personalidades entre os reformadores do século XVI. Mas seu ensino a respeito da predestinação tornou-se objeto de acerba controvérsia em anos posteriores. Em 1610 foram apresentados aos Estados Gerais da Holanda os famosos cinco pontos essenciais na teologia calvinista. Estes foram declarados ofensivos, alegando

alguns nesse tempo haver encontrado no Catecismo Calvinista e na Confissão Belga certos pontos que pareciam ser uma teologia relativamente nova. Foram expostos da seguinte maneira:

1. Que Deus (como alguns asseveraram), por um decreto eterno e irrevogável, ordenou alguns dentre os homens (a quem Ele não considerava criados; muito menos caídos) para a vida eterna; e alguns (que eram por grande diferença a maior parte) para a perdição eterna, sem qualquer consideração a sua obediência ou desobediência, a fim de manifestar tanto a Sua justiça como a Sua misericórdia; de tal modo que as pessoas por Ele destinadas à salvação devem forçosa e inevitavelmente ser salvas, e as demais devem forçosa e inevitavelmente ser condenadas.

2. Que Deus (como outros ensinaram) considerou a humanidade não só como criada, mas também como caída em Adão, e, conseqüentemente, sujeita à maldição; tendo Ele determinado livrar alguns dessa queda e destruição e salvá-los como exemplos de Sua misericórdia; e deixar outros, até mesmo filhos do concêrto, sob a maldição, como exemplos de Sua justiça, sem qualquer consideração a crença ou descrença. Com essa finalidade, Deus usou também certos meios pelos quais os eleitos fossem necessariamente salvos e os réprobos fôssem necessariamente condenados.

3. Que, por conseguinte, Jesus Cristo, o Salvador do mundo, não morreu por todos os homens, mas somente pelos que foram eleitos de acordo com a primeira ou a segunda forma.

4. Que, portanto, o Espírito de Deus e Cris-

to atuaram nos eleitos com força irresistível a fim de compeli-los à crença e à salvação, mas que aos réprobos não foi dada necessária e suficiente graça.

5. "Que aqueles que uma vez obtiveram verdadeira fé jamais poderiam perdê-la por completo ou terminantemente." — A. W. Harrison, *The Beginnings of Arminianism* (1926), págs. 149 e 150.

Esse ponto de vista, porém, não se originou com Calvino. Mil anos antes, de acordo com G. F. Wiggers, Agostinho expressou a mesma idéia:

"Agostinho introduziu no sistema eclesiástico diversas idéias inteiramente novas. . . . Entre elas encontravam-se a graça irresistível, absoluta predestinação e a limitação aos eleitos da redenção por meio de Cristo." — *An Historical Presentation of Augustinism and Pelagianism*, pág. 368.

## II. Refutação Elaborada Pelo Arminianismo

Em oposição a esses pontos de vista, Armínio e seus colaboradores elaboraram uma refutação que apresentava cinco argumentos contrários. Mais tarde eles se tornaram o epítome do que se conhecia por arminianismo. Eram os seguintes:

1. Que Deus, por meio de um decreto eterno e imutável em Cristo, antes de existir o mundo, determinou eleger para a vida eterna dentre a caída e pecaminosa raça humana os que por intermédio de Sua graça crêem em Jesus Cristo e perseveraram na fé e na obediência; e, pelo contrário, resolveu rejeitar os impenitentes e descrentes, para condenação eterna (S. João 3:36).

2. Que, em consequência disto, Cristo, o Salvador do mundo, morreu por todos os homens, de modo que obteve, pela morte na cruz, reconciliação e perdão do pecado para todos os homens; de tal forma, porém, que só os fiéis a desfrutaram em realidade (S. João 3:16; I S. João 2:2).

3. Que o homem não podia obter fé salvadora por si mesmo ou em virtude de seu próprio livre arbítrio, mas precisava da graça de Deus por meio de Cristo para renovar-se em pensamento e vontade (S. João 15:5).

4. Que essa graça constituiu a causa do início, do desenvolvimento e da conclusão da salvação do homem; de maneira que ninguém poderia crer ou perseverar na fé sem essa graça cooperante, e, conseqüentemente, que todas as boas obras devem ser atribuídas à graça de Deus em Cristo. Todavia, quanto à sua maneira de operar, essa graça não é irresistível (Atos 7:51).

5. Que os verdadeiros crentes possuíam suficiente poder, mediante a graça divina, para

batalhar contra Satanás, o pecado, o mundo, sua própria carne, e alcançar a vitória sobre eles; mas, para que pela negligência não apostatassem da verdadeira fé, perdessem a felicidade de uma boa consciência e fossem privados dessa graça, deveriam investigá-la mais cabalmente em conformidade com a Escritura Sagrada, antes de começar a ensiná-la." — Harrison, *op. cit.*, págs. 150 e 151.

Essa controvérsia, que foi ativada por Armínio em 1603, atingiu o ponto culminante no Sínodo de Dort, em 1618 e 1619, e teve amplas conseqüências. Os seus efeitos se fizeram sentir não somente na igreja holandesa, mas as divisões alemã, suíça, escocesa, inglesa e francesa, da igreja cristã, também participaram dessa controvérsia ou se dividiram por sua causa. Desde então, o arminianismo se tornou o termo usado para exprimir conceitos teológicos contrários ao calvinismo. Entretanto, os seguidores de Armínio foram mais além em suas declarações do que o seu próprio mestre. Com efeito, ele ficaria surpreso e até indignado se pudesse ler as interpretações teológicas de alguns que têm sido classificados como arminianos. É o mesmo se pode dizer no tocante aos adeptos de Calvino. Parece até que o calvinismo atual sofreu maiores modificações que o arminianismo.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia não é calvinista nem totalmente arminiana em sua teologia. Reconhecendo os méritos de ambos esses sistemas, procuramos assimilar o que nos parece ser o claro ensino da Palavra de Deus. Embora creiamos que João Calvino foi um dos maiores reformadores protestantes, não adotamos a idéia de que algumas pessoas "são predestinadas para a morte eterna sem qualquer demérito de sua parte, simplesmente por causa da soberana vontade de Deus" (Calvino, *Institutes*, Livro 3, Cap. 23, Parág. 2). Ou que os homens "não são todos criados com o mesmo destino; mas a vida eterna é preordenada para alguns, e, para outros, a condenação eterna" (*Idem*, Livro 3, Cap. 21, Parág. 5).

Pelo contrário, cremos que a salvação é acessível a todo e qualquer membro da raça humana, pois "Deus amou o mundo de tal maneira que de o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (S. João 3:16). Exultamos com o apóstolo Paulo porque "antes da fundação do mundo" (Efés. 1:4) Deus resolveu suprir a necessidade do homem, se ele pecasse. Esse "eterno propósito" abrangia a encarnação de Deus em Cristo, a vida sem pecado e a morte expiatória de Cristo, Sua ressurreição dentre os mortos e o Seu ministério sacerdotal no Céu, o qual culminará nos grandiosos aspectos do julgamento.

Cremos que nosso ensino a respeito do assunto do julgamento está inteiramente de acôr-

do com a Bíblia e é a conclusão lógica e inevitável de nosso conceito acêrca do livre arbítrio. Temos a convicção de que, como indivíduos, cada um de nós é responsável perante Deus. Declara o apóstolo Paulo: "Todos compareceremos perante o tribunal de Deus. Como está escrito: Por Minha vida, diz o Senhor, diante de Mim se dobrará todo joelho, e tôda língua dará louvores a Deus. Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus." Rom. 14: 10-12.

### III. Perdição da Raça Humana por Causa do Pecado de Adão

O pecado de Adão envolveu tôda a raça humana. "Por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte," afirma o apóstolo Paulo (Rom. 5:12). A expressão "pelo pecado" mostra claramente que êle se refere, não a pecados individuais no tempo presente, mas à natureza pecaminosa que todos herdamos de Adão. "Em Adão todos morrem" (I Cor. 15:22). Por causa do pecado de Adão, "a morte passou a todos os homens" (Rom. 5:12).

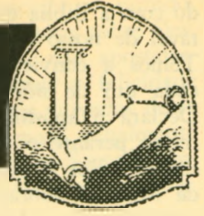
Foi para suprir a necessidade do homem e salvar a raça humana da morte eterna, que o Verbo Eterno Se encarnou. Cristo viveu como homem entre os homens, e depois morreu em lugar do homem. A morte substituinte de nosso Senhor constituiu o âmago do Evangelho. Quando O aceitamos pela fé, Sua morte torna-se a nossa morte — "Um morreu por todos, logo todos morreram." II Cor. 5:14. As Escrituras revelam que o efeito da ilimitada graça divina é tão amplo quanto o efeito do pecado de Adão.

Diz a Escritura Sagrada: "Assim como por uma só ofensa veio o juízo sôbre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça [de Jesus Cristo] veio a graça sôbre todos os homens para a justificação que dá vida." Rom. 5:18. Porém, se quisermos "reinar em vida" (V. 17), devemos aceitar êsse "dom da justiça." E o apóstolo João cita as seguin-

tes palavras do Senhor: "Quem *quiser* receba de graça a água da vida." Apoc. 22:17. A única maneira de recebermos essa vida consiste em recebermos o *Autor* da vida. "E o testemunho é êste, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no Seu Filho. Aquêle que tem o Filho tem a vida; aquêle que não tem o Filho dê Deus não tem a vida." I S. João 5:11 e 12. Êsse dom da vida, cremos nós, é acessível a todos, porém, unicamente se apoderam — os que aceitam a provisão divina — têm a vida eterna.

Da parte de Adão, todos herdamos uma natureza pecaminosa. Somos todos "por natureza filhos da ira" (Efés. 2:3). Quer sejamos judeus ou gentios, todos estamos "debaixo do pecado." "Não há quem busque a Deus;... não há quem faça o bem, não há nem um ser sequer." Rom. 3:9, 11 e 12. Por conseguinte, todos são "culpáveis perante Deus" (V. 19). No entanto, se os homens aceitarem o gratuito e divino dom da justiça, não importa quão longe se tenham afastado de Deus ou quão profundamente se tenham atascado no pecado, podem ainda ser justificados, pois a justiça de Cristo, se fôr aceita, lhes é imputada. É isso que constituí a incomparável graça de Deus.

Falando da justificação que obtemos em Cristo, Paulo declara, em primeiro lugar, que somos "justificados gratuitamente, por Sua graça" (Rom. 3:24), pois a graça é a *fonte*. A seguir, êle diz que somos justificados "mediante a fé" (Rom. 5:1), pois a fé é o *método*. Depois então, êle sintetiza tudo afirmando que somos "justificados pelo Seu sangue" (V. 9), pois o sangue é o *meio*. Tiago acrescenta outra qualidade, declarando que "uma pessoa é justificada por obras, e não por fé sômente" (S. Tia. 2:24). As obras, no entanto, são a *evidência*, não o meio de justificação. Todos êsses fatores essenciais combinados atuam na vida do crente, e quem quiser pode desfrutar esta gloriosa experiência. — *Questions on Doctrine*, págs. 402-408.



## Unidade das Escrituras

HANS K. LA RONDELLE

Professor na Andrews University

**A** BÍBLIA é incomparável; na Terra não existe outro livro como ela. Foi dada não somente para iluminar a mente, mas também para educar o homem todo — a mente, o coração e a vontade; e para instruí-lo na justiça, “a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (II Tim. 3:16).

Para compreender as Escrituras, precisamos estudar e *continuar* estudando. Nunca deve chegar o tempo em que julgemos já conhecer tudo. Aos cristãos hebreus do primeiro século foi feita esta admoestação, pois eram “tardios em ouvir” (Heb. 5:11):

“Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes novamente necessidade de alguém que vos ensine de novo quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim vos tornastes como necessitados de leite, e não de alimento sólido. Ora, todo aquele que se alimenta de leite, é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança. Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.” Heb. 5:12-14.

Devemos, portanto, estar continuamente ocupados no estudo pessoal da Palavra do Senhor, buscando sempre maior conhecimento de Deus, como se procurássemos “tesouros escondidos” (Prov. 2:4).

“Como um povo, somos convidados individualmente a ser estudantes da Palavra de Deus, e como tal, a avançar para receber a progressiva e crescente luz que Ele deseja comunicarnos.” — *Problemas na Tradução da Bíblia*, citado na revista *The Ministry* de janeiro de 1962, pág. 9.

A mensageira do Senhor declara a todos nós:

“Não nos aprofundamos suficientemente em nossa busca da verdade.” — *Testemunhos Para Ministros*, pág. 119.

“Se tomais sobre vós a sagrada responsabilidade de ensinar outros, tendes o dever de ir ao âmago do assunto que procurais ensinar.” — *Evangelismo*, pág. 479.

### Apêlo Para um Estudo Bem Orientado

Estas palavras aplicam-se a todos os livros da Bíblia, especialmente a Daniel e Apocalipse. Em certo sentido êstes dois livros exerceram grande influência sobre nós como um povo, por isso devemos dedicar especial e metucioso estudo a estas partes das Escrituras.

A simples recordação do que aprendemos há dez, vinte, trinta ou mais anos não nos preparará para dar inteligente razão de nossa fé. Pontos de vista formalizados e máximas petrificadas não exercerão influência santificadora. “Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito.” Prov. 4:18.

Ellen G. White enuncia profunda verdade nas seguintes palavras:

“Não existe justificativa para alguém assumir a posição de que não há mais verdades a serem reveladas, e que todas as nossas exposições das Escrituras não contêm qualquer erro. O fato de que certas doutrinas têm sido aceitas como verdadeiras durante muitos anos por nosso povo, não constitui uma prova de que nossas idéias são infalíveis. O tempo não transformará o erro em verdade, e a verdade pode permitir-se ser bela. Nenhuma doutrina verdadeira

perderá algo por rigorosa investigação. — *Counsels to Writers and Editors*, pág. 35.

“E investigando rigorosamente cada jota ou til que pensemos ser verdade estabelecida, comparando uma passagem com outra, poderemos descobrir erros em nossas interpretações das Escrituras. Cristo deseja que o pesquisador de Sua Palavra lance a pá mais profundamente nas minas da verdade. Se a pesquisa é realizada de modo apropriado, serão encontradas jóias de inestimável valor.” — *Review and Herald*, 12 de julho de 1898.

O povo de Deus deve estudar diligentemente as profecias não cumpridas, em especial a sétima praga de Apocalipse 16.

“Precisamos estudar o derramamento da sétima taça. Os poderes do mal não capitularão no conflito sem uma batalha. Mas a Providência tem uma parte a desempenhar na batalha do Armagedom.” — *The SDA Bible Commentary*, comentários de Ellen G. White sobre Apoc. 16:14-17.

“Quando os livros de Daniel e Apocalipse forem bem compreendidos, terão os crentes uma experiência religiosa inteiramente diferente. . . . Ao nos aproximarmos do fim da história deste mundo, devem as profecias relativas aos últimos dias exigir especialmente nosso estudo.” — *Testemunhos Para Ministros*, págs. 114-116.

“Se nosso povo estiver meio desperto, se reconhecesse a proximidade dos acontecimentos descritos no Apocalipse, operar-se-ia uma reforma em nossas igrejas, e muitos mais creriam a mensagem.” — *Idem*, pág. 118.

“O conhecimento de Cristo e das profecias relacionadas com Ele será grandemente aumentado ao se aproximarem do final da história terrestre.” — E. G. White, manuscrito 176, 1899, citado por L. E. Froom em *Prophetic Faith of Our Fathers*, Vol. 4, pág. 1.143.

### O Princípio Fundamental das Escrituras

Visto que a Bíblia é a Palavra de Deus, as Escrituras não devem ser interpretadas arbitrariamente ou particularmente. Princípios claros e firmes constituem a base das Santas Escrituras. Jesus considerou-as como uma unidade, dizendo que “a Escritura não pode falhar” (S. João 10:35).

Visto que a Bíblia é essencialmente uma unidade, trazendo uma grandiosa mensagem, ela é útil “para a correção” (II Tim. 3:16) de falsas interpretações.

Pedro afirma que devemos saber primeiramente que “nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação” (II S. Ped. 1:20).

As Escrituras, portanto, são seu próprio intérprete. Isto é um princípio fundamental. Jesus o aplicou quando repreendeu o diabo por interpretar falsamente um texto da Bíblia. (Ver S. Mat. 4:6 e 7.) Uma passagem deve ser comparada com outras, não somente no mesmo capítulo ou com passagens do mesmo livro, mas toda a Bíblia deve lançar luz sobre determinado versículo. Então sempre se torna evidente que a interpretação do texto não precisa de raciocínios especulativos fora da Bíblia.

Eis aqui novamente um conselho inspirado:

“A Bíblia interpreta-se a si mesma. Um texto deve ser comparado com outro. O estudante deve aprender a encarar a Palavra como um todo, e ver a relação de suas partes. . . . Devemos dar atenção ao Velho Testamento, não menos que ao Nôvo. . . . O Velho Testamento derrama luz sobre o Nôvo, e o Nôvo sobre o Velho.” — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, págs. 416 e 417.

Por conseguinte, devemos hesitar em interpretar qualquer profecia do Nôvo Testamento sem descobrir primeiro a luz que o Velho Testamento possa lançar sobre a questão. Repetimos que isto é um princípio fundamental. Quaisquer conclusões que possamos tirar, especialmente no âmbito de profecias ainda não cumpridas, como a sexta e a sétima pragas, devem ser cuidadosamente analisadas, deixando-se que a luz da Bíblia inteira ilumine o assunto. Estas incentivantes e desafiadoras palavras devem inspirar-nos a estudar mais profundamente as Escrituras:

“Quando a pesquisa é conduzida de modo apropriado, envida-se todo o esforço para conservar pura a compreensão e o coração. Se a mente se mantiver aberta e esquadriñar constantemente o campo da revelação, encontraremos ricos depósitos de verdade. Velhas verdades serão reveladas sob novos aspectos, e aparecerão verdades que foram omitidas na investigação.” — Ellen G. White, manuscrito 75, 1897, citado em *The Ministry* de junho de 1953, pág. 26.

“Como o clarão de um relâmpago, novas significações cintilarão de textos familiares da Escritura; vereis a relação de outras verdades com a obra da redenção, e sabereis que Cristo vos está guiando; que tendes ao lado um Mestre divino.” — *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 25.

“Em cada época há nôvo desenvolvimento da verdade, uma mensagem de Deus para essa geração. As velhas verdades são tôdas essenciais; a nova verdade não é independente da antiga mas desdobramento dela. Só compreendendo as velhas verdades é que podemos entender as novas.” — *Parábolas de Jesus*, pág. 127.

## Ele ... Ele ... Ele

(Continuação da pág. 3)

"Muitos discursos, tal como a oferta de Caim, são ineficazes porque carecem de Cristo.

"O universo celestial está contemplando com assombro nossa obra carente de Jesus.

"Abandonai o espírito de controvérsias no qual vos estais educando durante anos." (Excertos de um sermão inédito, pronunciado no congresso em referência, citado por Norval Pease, em seu livro *By Faith Alone*, págs. 137 e 138.)

O congresso de Minneapolis inaugurou uma nova era na história da pregação adventista. Sob a influência das mensagens apresentadas por E. G. White, A. T. Jones e E. J. Waggoner, nossos ministros sentiram a necessidade de dar às suas homilias uma orientação menos argumentativa, e mais Cristocêntrica.

Passaram-se, entretanto, alguns poucos anos e o memorável despertar de 1888 se desvaneceu. Os nossos púlpitos voltaram a ser ativas trincheiras nas batalhas contra o antinomianismo. Os trovões do Sinai pareciam suplantar a glória do Calvário.

Impunha-se mais uma vez a necessidade de restaurar no seio da Igreja o primado de Cristo. A. G. Daniells, W. W. Prescott, O. Montgomery, I. H. Evans, Carlyle B. Haynes e outros piedosos pregadores, com a palavra e a pena, restauraram a primazia de Cristo e Sua obra, na pregação adventista.

S. D. Gordon contava a estória de uma piedosa velhinha que sabia de memória longas passagens das Escrituras e que, no crepúsculo da vida alegrava-se repetindo em sua poltrona os versículos preferidos. Pouco a pouco, com o debilitamento físico, sua memória começou a falhar, até que por fim não conseguia lembrar senão a última parte de II Tim. 1:12, que repetia com frequência: "... Sei em quem tenho crido e estou certo de que Ele é poderoso para guardar aquilo que a Ele entreguei até aquele dia." A inexorável passagem do tempo levou-a a olvidar-se da primeira parte deste texto. Mas ela podia repetir quase como num sussurro as últimas palavras do versículo: "... aquilo que eu a Ele entreguei."

Nos momentos derradeiros de sua vida, já na agonia da morte, os entes queridos que a assistiram, observaram que ela se esforçava por falar. Curvaram-se mui perto de seus lábios para ouvir a mensagem. Ela sussurrava uma única palavra: "Ele"... "Ele"... "Ele"... Perdera toda a Bíblia com exceção de uma palavra. "No pronome Ele — acentuou Gordon — ela encontrou uma síntese da Bíblia."

Que a nossa plataforma como pregadores seja Ele, e as almas sob a influência de nosso ministério se alegrarão diante da beleza de Cristo e de Seus luminosos ensinamentos.

ENOCH DE OLIVEIRA



Órgão publicado bimestralmente pela  
Associação Ministerial da Igreja Adventista do  
Sétimo Dia

Editado pela  
Casa Publicadora Brasileira  
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira  
Gerente — Bernardo E. Schuenemann  
Redator responsável — Carlos A. Trezza

Colaboradores especiais:  
R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual ..... US \$ 3,00  
Número Avulso ..... US \$ 0,50

Ano 35

N.º 7

### NESTE NÚMERO

#### EDITORIAL

ÊLE ... ÊLE ... ÊLE  
Enoch de Oliveira ..... 3

ESTUDO SOBRE OS LIVROS APÓCRIFOS  
Vitor Ampuero Matta ..... 4

#### OBRA PASTORAL

CARTA ABERTA A UMA AFLITA ESPÓSA DE MI-  
NISTRO  
Ron Runyan ..... 8

QUE PRETENDEMOS DIZER POR EVANGELISMO  
TOTAL?  
Teodoro Carcich ..... 10

DEVE COMEÇAR COMIGO  
Roberto H. Pierson ..... 13

AVANÇAR? OU ENLANGUESCER?  
J. R. S. .... 16

A PROCURA DA PUREZA  
Josefina C. Edwards ..... 18

PERGUNTAS SOBRE DOUTRINA  
O JUÍZO INVESTIGATIVO SOB O ASPECTO DO  
CONCEITO ARMINIANO ..... 19

PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA  
UNIDADE DAS ESCRITURAS  
Hans K. la Rondelle ..... 22